



QUINTAL PRODUTIVO E MULTIPLICADOR: POTENCIAL FORMATIVO EM AGROECOLOGIA E PROMOÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO A PARTIR DE AGROECOSSISTEMAS URBANOS EM DIAMANTINA-MG¹

SANTIAGO, Cecília Maria²; LEMES, Anielli Fabiula Gavioli³

²Discente de Agronomia, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais, e-mail: quintalpro@gmail.com;

³ Professora Doutora da Licenciatura em Educação do Campo – LEC-UFVJM, Diamantina, Minas Gerais, e-mail: anielli.lemes@ufvjm.edu.br

RESUMO

O Projeto Quintal Produtivo e Multiplicador mobilizou a construção de hortas urbanas agroecológicas em uma instituição pública de Diamantina, além da formação de estudantes da Agronomia sobre a perspectiva humanística na temática agroecológica. Com o desenvolvimento do projeto, percebeu-se que as mulheres são as responsáveis por manter a segurança alimentar do grupo familiar, no entanto sem a devida valorização, o que reforça a necessidade de trabalhar mais as especificidades das práticas teóricas feministas e agroecológicas nos territórios urbanos, levantando as questões de equidade de gênero e empoderamento feminino. Com isso, propomos continuar o projeto envolvendo três grupos de idosas na construção das hortas agroecológicas nos Centros de Referência de Assistência Social, partindo da perspectiva da Economia Ecológica, através da mensuração com as Cadernetas Agroecológicas, fomentando o empoderamento e o desenvolvimento socioeconômico de 3 grupos de mulheres idosas assistidas por esses centros.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura urbana; Agroecologia; Extensão; Empoderamento feminino

INTRODUÇÃO

A prática da Agricultura urbana (AU) tem sido intensificada nos municípios em diferentes espaços urbanos. Segundo Cabannes (2005), cada vez mais, esta prática é reconhecida como uma experiência fortalecedora da segurança alimentar, auxiliando no enfrentamento da pobreza na cidade e no desenvolvimento de melhorias no meio ambiente. A AU é apontada pelo editorial Revista de Agricultura Urbana (2005) como uma ação potencial para reverter problemas urbanos de ordem social, decorrentes da crise econômica com o uso de políticas municipais. As práticas de AU se caracterizam como formas de autoprodução diversificada de plantas, objetivando o acesso dos produtos para as famílias e para as comunidades. É uma atividade produtiva interativa, onde a venda do excedente da produção pode gerar renda, por isso está integrada ao sistema econômico, urbano, social e ecológico (COUTINHO, 2010).

As famílias agricultoras urbanas normalmente utilizam os recursos naturais disponíveis nos quintais de casa para cultivar os alimentos. Esse processo é realizado de forma sustentável e produz alimentos orgânicos, livre de agrotóxicos. Para isso, os membros do grupo familiar realizam diferentes atividades produtivas nas áreas urbanas e periurbanas. Neste contexto, cada integrante da família representa um elemento que mantém a estrutura agrícola em funcionamento em toda dinâmica de trabalho (COUTINHO, 2010). Esta relação entre os membros do grupo familiar é parte de um processo interno de auto-organização

¹ Relato do Projeto de Extensão Quintal Produtivo e Multiplicador.



das famílias, podendo funcionar como um meio de inserção social também no contexto comunitário, através da troca de bens e recursos, troca de conhecimento, trabalho cooperativo, compra e venda de alimentos e produtos, etc. (PETERSEN, *et al.*, 2017). Por isso, Valent et al (2017) ressalta a importância do desenvolvimento de projetos sociais de agricultura urbana em parceria com instituições públicas como forma de desenvolver ações comunitárias do trabalho colaborativo, solidário, e legitimar ações políticas.

Considerando isso, foi proposto em 2018, o Projeto de Extensão intitulado Quintal Produtivo e Multiplicador, que tem a origem marcada pela parceria feita entre instituições públicas que buscam incentivar e valorizar as ações de promoção da AU agroecológica no Município de Diamantina-MG. Esta iniciativa partiu da organização de Estudantes e de Professores da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Secretaria do Desenvolvimento Social de Diamantina, Fundação Pró-Universitária do Vale do Jequitinhonha (FUNIVALE), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER-MG) e da Diretoria, além de funcionários, crianças, jovens e famílias da Fundação Municipal do Bem estar do Menor (FUMBEM) – onde acontecia Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Com esses parceiros, foi construída uma horta urbana agroecológica na FUMBEM contando com conhecimentos prévios dos jovens, familiares e funcionários envolvidos na fundação.

Para tanto, foram adotadas estratégias que agregassem função social aos espaços inutilizados da instituição com atividades educativas – práticas e teóricas – que pudessem ser voltadas para o entendimento da agroecologia nos cultivos de hortas urbanas. Além disso, buscassem garantir uma alimentação saudável para as refeições dos estudantes como uma forma de promover a segurança, a soberania alimentar na instituição.

Nesse projeto, foi escolhido a AU pelo seu potencial de aumentar a biodiversidade e a variedade de espécies alimentícias, promover o resgate ao uso de hortaliças regionais ou tradicionais e contribuir para a formação de hábitos alimentares mais saudáveis a partir do incentivo de consumo da própria produção (SANTANDREU & LOVO, 2007). Esse incentivo foi reforçado com os estudantes na FUMBEM que puderam levar os aprendizados e experiências para suas famílias e replicar os momentos práticos de atividade na horta.

No decorrer o projeto, houve resgate dos conhecimentos prévios trazidos da família, o que pôde evidenciar a relação direta entre o trabalho feito pelas mulheres em seus lares e o cultivo de hortas, promovendo, assim, agricultura urbana, como propõe Hovorka (2005). As atividades de cultivo de alimentos nos quintais, em sua grande maioria, são realizadas por mulheres, principalmente as mães, dedicando tempo e energia para o manejo ecológico entre todas as atividades que executam. Com isso, elas contribuem para a economia doméstica e para a autonomia familiar. Assim, é importante nos preocuparmos com o papel específico que as mulheres desempenham nos sistemas produtivos, levando em consideração que ainda se oculta sua contribuição na renda familiar com a produção de alimentos por meio dos quintais. Com isso, defendemos, como Port (2017), que o reconhecimento da participação social da mulher agricultora deveria ser tanto pelos trabalhos domésticos e cuidados com a família, quanto pela produção de alimentos nos



quintais para o autoconsumo, como equivalentes no processo de produção e reprodução de bens.

A estreita relação da AU com a Agroecologia promove o empoderamento das mulheres agricultoras (MARQUES, 2017), por ser uma atividade econômica e de inserção social (LOVO, *et al.*, 2015). Estrategicamente, é utilizada como um instrumento de empoderamento feminino que integra mulheres como reprodutoras sociais e provedoras de segurança alimentar nos lares (PETERSEN, *et al.*, 2017). Nesse sentido, relacionamos as experiências na FUMBEM às questões socioeconômicas das famílias agricultoras urbanas e expandimos os debates do projeto especificamente para as relações de gênero, para, assim, propomos tratar das questões de equidade, visibilização e reconhecimento do papel das mulheres em todo contexto de trabalho no lar. Acresce que, segundo Altieri (2004), o manejo agroecológico atende as necessidades sociais da população por ser capaz de orientar diferentes estratégias de desenvolvimento sustentável na manutenção da produção agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais e retornos econômico-financeiros adequados a metas de redução da pobreza.

Vale ressaltar que, segundo Melo (2015), são poucas as universidades que trabalham a disciplina de Agroecologia ou a consideram como proposta alternativa para o desenvolvimento sustentável e de transformação social. Esse cenário descrito por Melo é o da nossa universidade, onde o curso de agronomia só tem uma disciplina não-obrigatória sobre agroecologia. Portanto, projetos como estes, de extensão, foram/são importantes para o processo de formação da bolsista, estudante do curso de Agronomia, por fazê-la acreditar no potencial transformador que a agroecologia tem e compreender que a agroecologia pode servir como elemento formador de conhecimento popular, indo além das perspectivas tecnológicas, ecológica e econômica, incorporando a dimensão social da agroecologia nos aspectos de questões de gênero, inclusão social, soberania alimentar e diversidade cultural.

METODOLOGIA

As atividades executadas pelo projeto foram construídas a partir da metodologia da pesquisa-participante (Brandão, 1999), onde os sujeitos envolvidos no projeto (estudantes, professores e comunidade externa) fazem parte de um trabalho comum, mesmo que em situações e papéis diferentes. Assim, buscou-se a sensibilização da bolsista-estudante em Agronomia, sobre o papel da agrônoma-educadora na construção da Horta e na valorização social. Além dessa escola viva, que, em consonância com Melo (2010), contribui para a formação do agrônomo/agrônoma em uma perspectiva de transição agroecológica, foram feitas também, ao mesmo tempo, visitas técnicas (de intercâmbio), envolvendo também outros estudantes de agronomia em locais com práticas agroecológicas no território do Vale do Jequitinhonha, nos quintais produtivos urbanos, comunidades tradicionais e instituições parceiras. E a partir dessas experiências de troca, o projeto contribuiu também para a formação de todos os envolvidos na construção do pensamento crítico em relação à profissão na agronomia.

Para isso, inicialmente, estabelecemos diálogo com as instituições públicas dos municípios, das



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

comunidades tradicionais e dos movimentos sociais organizados no Vale do Jequitinhonha. E, na FUMBEM, foi realizada a primeira experiência com a construção da horta agroecológica. Inicialmente, contamos com a parceria da FUNIVALE, onde foram realizadas formações com as raizeiras e a aproximação com a cultura das ervas medicinais, as potencialidades no uso e cultivo, como também o desenho das hortas e a preservação da biodiversidade, além de conhecer a Casa de Sementes Crioula, o resgate das sementes e a multiplicação entre agricultores familiares.

Na sequência, as etapas do processo de implantação da horta agroecológica na FUMBEM foram: i) o levantamento dos conhecimentos dos jovens envolvidos sobre quintais; ii) preparo dos canteiros e proteção do solo com matéria vegetal na cobertura; iii) conscientização e busca das sementes crioulas para plantio; iv) troca de sementes e mudas entre os envolvidos; v) plantio diversificado de sementes e mudas nos canteiros e espaços produtivos; vi) manejo de espécies floríferas; vii) plantio em curvas de nível; viii) produção de adubo orgânico reciclando material residual da cozinha; ix) manejos de podas e produção de estacas com espécies tradicionalmente cultivadas na região, tais como boldo, ora-pró-nóbis, hortelã, funcho; e x) avaliação do projeto com entrevistas. As etapas de i) a ix) partiram da visão dos estudantes, do que aprenderam em casa com a família, como as tradições de cultivo, os resgates das plantas usadas e o modo deles de fazer agricultura em diálogo com a literatura e vivências dos intercâmbios.

O projeto esteve, por exemplo, presente no IV Encontro Nacional de Agroecologia (PRÉ-ENA), evento que aconteceu juntamente com o Fórum do Vale (evento popular que reúne representações dos movimentos sociais do Vale do Jequitinhonha para discussão social-política), e contando com formações teóricas e práticas nos espaços de experiências agroecológicas como ferramenta metodológica de produção e socialização do conhecimento (SILVA, 2015). O evento foi apresentado por pessoas, instituições e comunidades com problemáticas sociais ligadas às questões das políticas públicas voltadas para os povos do campo e seu modo de vida tradicional. O que tornou possível refletir diretamente sobre a produção agroecológica de alimentos de forma independente como uma alternativa para a subsistência daqueles que estão em um quadro de vulnerabilidade social, principalmente no sentido da insegurança alimentar. Essa atividade possibilitou também a participação de agricultores e agricultoras do Alto Jequitinhonha, permitindo troca de experiências e formação. Alguns espaços foram visitados, como o Fórum do Vale (evento popular que reúne representações dos movimentos sociais do Vale do Jequitinhonha para discussão social-política) e o Preparatório para o IV ENA, e serviram de grande aprendizado para as organizações políticas e públicas apoiadoras dos movimentos sociais do Vale do Jequitinhonha.

Para compreender as influências da horta agroecológica na instituição, na educação dos estudantes, na merenda escolar e no reflexo deixado em suas famílias, conversamos com a merendeira da instituição D. Maria e a Educadora social Sra. Flávia, ambas são funcionárias públicas e atuam no Programa PETI. Aplicamos um questionário, objetivando avaliar sobre as atividades da horta, buscando a visão das mulheres que lidam com os setores de educação e da alimentação dentro do projeto. A técnica utilizada para coleta de informações foi a entrevista semiestruturada, que, segundo Boni (2005), é uma técnica que dá liberdade ao



entrevistado de discorrer sobre o tema e, assim, podemos ter informações que não seriam possíveis somente através da observação ou de pesquisas bibliográficas.

As perguntas norteadoras buscaram entender a proximidade que elas têm com o costume de plantar, as mudanças que aconteceram no decorrer do ano com o projeto e a avaliação que fazem das ações projeto, como exemplo citamos as questões inicialmente pensadas: Você tem horta em casa? O que achou da horta na FUMBEM? Qual a influência da horta na merenda dos estudantes? O que você mudaria na horta? Qual a sua avaliação na aceitação da merenda com as coisas horta, pelos estudantes? É possível reaproveitar melhor os alimentos? A horta influencia economicamente os recursos programa? Os estudantes foram estimulados a cultivar em casa? As mães dos estudantes foram influenciadas com o projeto? Você considera o plantio nos quintais como uma alternativa para reduzir gastos para as famílias?

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com essas vivências, entendemos que, nos últimos anos, diferentes instituições estão atentas à necessidade de dar visibilidade às relações econômicas, ecológicas e políticas – expressas pela agricultura familiar, partindo do reconhecimento das complexas dinâmicas de fluxos econômico-ecológicos que contextualizam os processos de transformação de matérias e produção de bens na AU. Essas relações não são possíveis de mensurar apenas singularizando os valores do trabalho pelo valor mercantil do dinheiro, sendo necessário reconhecer que a teoria econômica convencional subestima as racionalidades econômicas do agricultor familiar e, por isso, é carente de ferramentas analíticas capazes de compreender os metabolismos socioecológicos nos agroecossistemas (PETERSEN *et al.*, 2017).

Por causa dessas reflexões sobre hortas agroecológicas e plantas medicinais, as experiências na FUMBEM foram amplamente enriquecedoras e de conhecimentos e saberes agroecológicos. Na horta agroecológica, foram mesclados nos canteiros plantas medicinais com hortaliças comuns, floríferas e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), valorizando a biodiversidade e favorecendo as potencialidades naturais do ecossistema. Isso permitiu ter na FUMBEM espaços de diálogo tratando sobre a produção saudável de alimentos e sobre o reflexo nas condições de saúde e da segurança alimentar da família. Os quintais urbanos produtivos podem atender as necessidades básicas com alimentos, condimentos e ervas medicinais quando se usa manejos conservacionistas e técnicas tradicionais de cultivo, respeitando os princípios da agroecologia de cuidados com o solo, com a água e com a matéria orgânica em busca do equilíbrio ecológico.

No decorrer das entrevistas, entre uma pergunta e outra, as respostas das mulheres iam reafirmando o potencial das hortas agroecológicas com ação formadora de conhecimentos. Tal ação formadora permite trabalhar o resgate das tradições da região e, principalmente, ser uma alternativa para a economia doméstica, além de visibilizar ações das agricultoras urbanas, empoderamento das mulheres como sujeitos detentores de saberes, e ressignificar quintais como espaços de produção de vida. Segundo a Educadora Social Flávia,



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

o processo de aprendizagem vem por meio de trocas de experiências entre os educadores, monitores, estudantes e todos os envolvidos, já que o contato com a horta desencadeou a mudança de comportamento dos estudantes em relação aos cuidados e manejos com a horta. Segundo ela, os momentos práticos na horta despertaram interesse e curiosidade sobre os manejos, incentivaram a observação dos insetos, logo, os estudantes, começaram questionar o funcionamento biológico natural que acontece nos agroecossistemas.

Outro interesse surgiu a partir do consumo das hortaliças, que aumentou exponencialmente conforme aumentaram as atividades e os ciclos de plantio. Flávia também percebeu que as atividades na horta estimularam os estudantes a plantarem em casa, pois passaram a pedir sementes e mudas para levarem para casa. As mães mandam recados pelos filhos sobre o que querem plantar nos quintais e eles comunicam ao monitor. Isso mostra o despertar da consciência para cultivo de alimentos que os filhos levaram pra casa. Flávia esclarece: “Os alunos pedem os produtos da horta para levarem para casa, e as mães mandam o recado para que, sempre que tiver, enviar por eles”. Isso é muito interessante porque aquelas famílias que antes não plantavam, começaram a plantar porque os filhos levaram sementes diferentes para casa, milho de várias cores que vocês doaram no projeto. “Os filhos mudaram o pensamento das mães e elas incentivam as atividades que eles estão fazendo e começaram a ajudar eles a plantar”.

A educadora reafirma a questão da economia doméstica: “Verduras no mercado no preço que tá, está puxado. Eu sou mãe de três filhos, então sei que não é barato. Um exemplo é o tomate, com três reais não compramos nem quatro tomates no mercado. Mas com um pé de tomate em casa posso comer tomate todos os dias, sem gastar”. Flávia cultiva em um lote da família e reconhece o quanto isso ajuda na renda, podendo evitar gastos com verduras. Ela considera mais importante saber que os filhos estão se alimentando de produtos sem veneno.

O relato de Flávia também deu enfoque à necessidade de expansão da horta, com aumento da diversidade e dos espaços agricultáveis. Comunga da mesma opinião D. Maria que trabalha na cozinha preparando os alimentos para o almoço e lanches. D. Maria defende que precisa aumentar a variedade da horta, mas que, durante o ano de vigência do projeto, os resultados foram muito bons para a instituição. Segundo ela, a princípio, os estudantes tinham mais dificuldade para interagir na horta e também consumir os alimentos, mas que hoje em dia não há nenhum problema e todos comem todas as verduras que são preparadas. Também colocou suas considerações sobre os aspectos financeiros relacionados à produção de alimentos saudáveis e sustentáveis ao ressaltar que o que é colhido não precisa ser comprado, reafirmando a questão da economia ecológica onde os gastos da instituição são reduzidos com a compra de verduras e pode ser direcionado a outras atividades pertinentes do programa PETI.

D. Maria serve a merenda mostrando os produtos colhidos na horta, dizendo ela que eles se interessam em comer mais, quando veem o que plantou no prato. Ela cita como exemplo que “Os meninos do canteiro 8 comeram toda sobremesa porque a melancia foi colhida do canteiro deles, e não reclamam mais de couve porque eles plantaram”. Em seu discurso, ela sempre fomenta a importância de ter hortas



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

sustentáveis para produzir alimentos de qualidade, pois é a base para o desenvolvimento saudável dos estudantes. Em uma fala ela cita o caso de estudantes que entraram no Programa com problemas de nutrição, mas que reverteram o caso de risco por causa da alimentação que faz na FUMBEM. Também ressalta que a produção de alimentos influenciou a trabalhar as merendas e reaproveitar os alimentos de forma completa, fazendo sucos, bolos, molhos, incrementando diferentes vegetais para servir pratos mais nutritivos.

Portanto, percebe-se que os resultados apresentados levaram à reflexão da bolsista em relação aos diferentes sistemas produtivos criados pelos agricultores urbanos, colocando em questão as perspectivas daqueles que trabalham nos quintais e produzem alimentos para sanar as necessidades básicas das famílias, o que conseqüentemente reflete em ganhos e gastos financeiros. A peculiaridade do Agricultor urbano, segundo Hovorka (2005), se destaca em função dos diferentes sistemas agrícolas que se formam segundo aspectos sociais e econômicos.

As diferentes pessoas que trabalham nos quintais adaptam o sistema produtivo conforme suas experiências, necessidades e interesses. Essa abordagem incentivou a relação de diálogo entre os jovens da FUMBEM para resgate dos modos de cultivo que eles vivenciam em casa, além de valorizar a agricultura tradicional reproduzida nos quintais urbanos que é passada de geração em geração. Nesse ponto, a principal referência dos estudantes foram os trabalhos realizados pelas mães, avós e mulheres da família. Pelos relatos, elas cuidam do quintal, da casa, trabalham, cozinham, preparam remédios caseiros, e mantêm dentro das famílias uma dinâmica contextualizada entre as relações emocionais e afetivas como a criação e a educação das crianças, se estendendo ao atendimento dos idosos e de enfermos. Além da produção de alimentos no quintal, garantindo alimentação saudável, acesso a plantas medicinais, segurança alimentar, geração de bens de valores econômicos e conseqüente redução dos gastos com alimentação.

Por isso, percebemos que é necessário fortalecermos as redes de trocas e debates sobre a Agroecologia, sua abrangência na esfera política e social, para-além da ambiental e econômica. Petersen (2017. p. 32), afirma que ao longo do tempo a lógica da economia neoclássica desencadeou a distorção do sentido de “valores” agregados ao trabalho, resultado da teoria econômica hegemônica que, conseqüentemente, invisibilizou, para a sociedade, o papel da mulher nas atividades de AU por desconsiderar os trabalhos nos lares não remunerados, ou seja, um não trabalho, mesmo as atividades de produção de alimentos para o autoconsumo entre toda produção mercantil e os cuidados domésticos (PETERSEN, *et al*, 2017). Cria-se, assim, uma divisão sexual no sentido do trabalho, onde o dispêndio de tempo e força é representado apenas pela cultura masculina como geradora de riquezas, provedora e gestora das necessidades familiares. Segundo PORT (2017), o papel dos homens é convencionalmente relacionado ao sustento da família, desconsiderando as atividades executadas pelas mulheres agricultoras no processo de produção, transformação e apropriação dos alimentos para autoconsumo e comercialização.

Antes do projeto, a agronomia era entendida para a bolsista, como um curso para aprender cuidar do solo e das plantas, visando o lucro econômico com a exploração de recursos naturais. Depois desse processo formativo, a estudante pôde perceber que também precisa ter o cuidado com as pessoas expandindo a



compreensão de agricultura, pois em pequenos espaços cultiváveis se faz agricultura, não só em grandes áreas de forma extensiva. O desenvolvimento do trabalho a fez questionar como era vista a extensão rural, o que reforçou a perspectiva social na agricultura em todos os aspectos. Com isso, houve mudança de perspectiva sobre a invisibilização do papel das mulheres. Neste sentido, o papel das mulheres no grupo familiar passou a ser tomado como foco de estudo e de pesquisa pela bolsista, que nesse processo indagou sobre a ocultação da função social das mulheres nos lares e na sociedade. Visto que as vivências mostraram a inter-relação entre as atividades realizadas nas diferentes perspectivas de trabalho (doméstico e participação social), considerando a disposição e responsabilização das mulheres para uma série de atividades básicas de importância vital para a família na perspectiva da estabilidade social e econômica. (PETERSEN, *et al.*, 2017). Percebemos que as mulheres são centrais para o plantio e para a alimentação, mas não têm empoderamento.

Por isso, para continuação do projeto, nos orientamos para reflexões sobre a equidade de gênero proposta pela economia feminista, buscando estabelecer a conexão com a metodologia holística da Agroecologia para análise da economia das agricultoras agroecológicas. Iremos usar a Caderneta Agroecológica para contribuir com a visibilidade ao trabalho desempenhado pelas mulheres nos lares, principalmente aqueles desconsiderados pela teoria econômica hegemônica por serem atividades naturalizadas como de responsabilidade da mulher. As experiências também sensibilizaram o projeto pela condição sociopolítica e econômica das famílias para estabelecimento e permanência dos quintais produtivos.

A rede de trocas se estendeu para outros espaços de fortalecimento da agroecologia, onde foram realizados com o apoio do Projeto Milho Crioulo três Feiras de Troca de Sementes Crioulas na UFVJM, colaborando em eventos extensivos do Grupo Aranã de Agroecologia e três feiras nas comunidades rurais (no Município de Couto de Magalhães e nas comunidades do Capão e São Gonçalo do rio das Pedras). Grandes aprendizados com a história da resistência das sementes se fortaleceram pelos guardiões de sementes crioulas que estiveram presentes nas feiras de trocas, entre eles D. Eva de São Gonçalo do Rio das Pedras, D. Preta e Sr. Imir da Comunidade Quilombola Vargem do Inhaí, além de seu Valteir de Itinga e Sr. Reginaldo de Felisburgo. Os guardiões também foram peças-chave para o empoderamento da bolsista, na questão da prática de uma agricultura sustentável, consciente, politizada, que preserva a diversidade através do cultivo das sementes tradicionais e que torna o homem do campo soberano para se alimentar e viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento do projeto, podemos destacar que várias questões foram levantadas em consequência das atividades realizadas, entre elas foram abordadas questões ecológicas para estabelecer uma horta agroecológica voltadas para a educação ambiental e a prática de manejos agroecológicos. Em relação aos aspectos socioeconômicos abordamos, buscou-se soluções que garantissem a reutilização de



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

recursos naturais e a readaptação de materiais para os processos de implantação dos quintais produtivos. Entendemos que a questão social é interdependente da condição socioeconômica das famílias, sendo fatores limitantes para estabelecer os quintais e torná-los produtivos capazes de produzir alimentos. Isso mostrou os diversos aspectos que precisam ser pensados para uma horta agroecológica, inclusive a disponibilidade de tempo e energia para cuidar do quintal. Essas questões foram levantadas e fizeram com que o projeto se direcionasse a uma análise mais sensível sobre os efeitos da agricultura urbana, voltada para as questões sociais que condicionam as famílias agricultoras a produzirem focando no papel da mulher agricultora.

Com isso, o projeto foi reestruturado para abordar a temática socioeconômica em torno da economia feminista juntamente com os grupos de mulheres idosas dos CRAS Bom Jesus, Palha, Rio Grande, levando o debate da agroecologia, transição agroecológica na AU e questões de empoderamento feminino para dar visibilidade às mulheres agricultoras e sua participação social.

Iremos utilizar as experiências vivenciadas no projeto desenvolvido na FUMBEM para, na continuação do projeto, reproduzir essa prática nos quintais dos CRAS, fazendo a projeção dos modelos em quintais das mulheres dos grupos. Assim, trabalhamos o diálogo entre as diferentes formas como todas lidam com a agricultura na cidade, através do resgate dos modos de produção, fomentando a valorização da cultura local, podendo refletir na mobilização de trabalhos coletivos femininos para o empoderamento. No caso daquelas que já tenham horta, reforçaremos sobre a transição agroecológica. Em todos os casos, pretendemos fazer acompanhamento e anotações usando a Caderneta Agroecológica para mensurar a contribuição da horta na renda, elucidar as relações econômicas que contextualizam o grupo familiar e dar visibilidade ao trabalho das mulheres com o objetivo de afirmar sua contribuição social nos lares e na sociedade. Consequentemente, aprofundaremos as questões de equidade de gênero, em busca da estabilidade e soberania das famílias agricultoras urbanas.

Ao fazer a mensuração através da Caderneta Agroecológica, as novas propostas integram a construção de hortas agroecológicas nos quintais dos CRAs fundamentadas no trabalho coletivo de resgate das tradições de cultivo. Nessa perspectiva, podemos expandir a formação da agrônoma para além do sentido do desenvolvimento regional sustentável, mas também criando concepções sobre a agroecologia como uma agricultura ecológica, produtiva e que integra nos espaços a questão de gênero no âmbito familiar e comunitário.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/20184417/agroecologia---a-dinamica-produtiva-da-agricultura-sustentavel---miguel-altieri->>; acesso em: 01 fev. 2019.

BONI, Valdete. **Aprendendo a entrevistar**: Como fazer entrevista em ciências sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 02 jan. 2019.

BRANDÃO, Carlos. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.



- CABANNES, Yves. **A agricultura urbana como estratégia para o desenvolvimento municipal sustentável.** Revista de Agricultura Urbana, 2005. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/viewFile/21318/21835>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- CAMPOS et al., Arnaldo. **A agroecologia como ciência mediadora entre a formação do agrônomo e a agricultura sustentável.** Interciência-on. 2015. Disponível em: <https://www.interciencia.net/wp-content/uploads/2017/10/172-MELLO.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- COUTINHO, Maura. **Agricultura urbana: práticas populares e sua inserção em políticas públicas.** Belo Horizonte: Biblioteca Digital de tese e dissertação da UFMG. 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-87YHD5>. Acesso em: 01 jan. 2019.
- HOVORKA, Alice. **Consideração de gênero para a pesquisa em agricultura urbana.** Revista de Agricultura urbana. 2005. Disponível em: <<https://www.ruaf.org/sites/default/files/AU5genero.pdf>>. Acesso em 02 jan. 2019.
- LOVO, Ivana. et al.. **Agricultura urbana agroecológica conquistando o mercado institucional da alimentação escolar em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.** São Paulo: Informações econômicas. 2015.
- MARQUES, Gláucia. et al.. **Feminismo e Agroecologia: Aproximando campo e cidade.** Brasília: VI congresso Latino-americano. 2017.
- PETERSEN, Paulo. et al.. **Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas.** Rio de Janeiro: AS-PTA. 2017.
- PORT, Geovana. **A junção da economia feminista e da Agroecologia enquanto estratégia de empoderamento das mulheres rurais.** Brasília: Anais IV Congresso Latino-Americano: Cadernos de Agroecologia. 2017.
- REVISTA DE AGRICULTURA URBANA. **Bem vindos à primeira edição da Revista de Agricultura Urbana.** Editorial: n. 01. 2005. Disponível em: <<https://www.ruaf.org/sites/default/files/AU1Edit.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2019.
- SANTANDREU, A.; LOVO, I. C. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção: identificação e caracterização de iniciativas e AUP em Regiões Metropolitanas Brasileiras.** Belo Horizonte: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2007. Disponível em <<http://www.agriculturaurbana.org.br/sitio/textos/panorama%20AUP.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- VALENT et al.. **Agricultura Urbana: O desenvolvimento de um projeto sustentável.** Revista DRd – Desenvolvimento Regional em Debate. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/1427>. Acesso em: 01 jan. 2019.